

HISTORIAL

A Freguesia de **Arcos** pertence ao Concelho de Anadia, Distrito de Aveiro, e, ocupando uma área aproximada de 12,3 km², confina com as Freguesias de Avelãs de Cima, Sangalhos, Avelãs de Caminho, Tamengos, Mogofores, Moita, S. Lourenço do Bairro e Óis do Bairro. Uma particularidade muito rara, se não única, no País é que Arcos engloba uma boa parte da sede do concelho, que se distribui por duas freguesias, mas não é, ele mesmo, sede de freguesia.

Arcos e Anadia outrora, dois aglomerados distintos, no sopé do Monte Crasto, a Norte e Nascente, respectivamente, abraçam, hoje, todo o perímetro daquele Monte, em casario contínuo que dissolvem praticamente, as fronteiras antigas. As várias referências a mamoadas e edificações dolmênicas que inúmeros escritos mencionam ao falar de Anadia, bem como das suas zonas limítrofes, denotam a eventual importância arqueológica de toda a zona do Monte Crasto, a qual é sinal de que a povoação atingiu aqui épocas pré-romanas. Porém, o estudo da arqueologia local com carácter sistemático e científico está por fazer.

A referência mais antiga que se conhece ligada à povoação de Arcos data de 943 e consta de um documento, transcrito nos *Portugaliae Monumenta Historica, Diploma et Chartae*. Trata-se de um documento em que o presbítero Bahalul diz que a sua Igreja de S. Cucufate (actual Igreja de São Tiago, na Moita) estava na vila de Arcos - «... *est illa ecclesia pernominata in villa de arcus*». A várzea de Arcos é, de novo, mencionada num documento do ano de 961 - «... *senara nostra propria que abemus in ripa arcus...*» - a referência à povoação de Anadia só surge em documentos datados de 1082, sem que, por isso, se possa deduzir se uma é mais antiga que a outra. Os referidos documentos dizem respeito ao diferendo entre o Mosteiro da Vacariça e o alvazir D. Sisnando, Conde de Coimbra, sobre a posse de Monsarros, aparecendo como limite *Quintanela* (Quintela) e *illa Nadia* (Anadia) - «... *dividit cum Quintanela e per illa Nadia et ind per illa ecclesia Sanctini Martini cum suos passales*». Porém, na carta de couto de Aguim, de 1140, aparece já a forma definitiva e actual de Anadia. Os filólogos, de Joaquim da Silveira a

Rodrigues Lapa, não têm dúvidas de que *Nadia* representa a palavra latina nativa (*aqua* ou *fons*), tomada substantivamente, significando “nascente, fonte natural espontânea”, eventualmente com referência aos abundantes mananciais de água que brotavam à entrada Norte da vila, perto do actual Quartel dos Bombeiros Voluntários e iam irrigar uma boa parte da várzea de Arcos.

Existem várias versões acerca da origem do topónimo de Anadia. Segundo a tradição popular ou lenda, o topónimo “Anadia” proviria do antropónimo de Ana Dias. De facto consta dum manuscrito inédito, datado de 1760, publicado por D. Fernando de Tavares e Távora, da casa de Sepins (Cantanhede) que a localidade em que hoje assenta a vila de Anadia foi, em velhos tempos, um casal de Ana Dias, mulher a quem seus pais deram em dote uma tapada de vinha. O vinho ali produzido, de excelente qualidade, era por ela vendido junto da estrada de Coimbra, o que lhe granjeara tal fama que o seu nome ficaria ligado à terra para sempre. Deste casal teria nascido a primeira povoação que se foi desenvolvendo.

Porém, alguns autores, nomeadamente Pinho Leal, defendem sem qualquer suporte histórico que o nome teria origem em “Anadaria”, que era o termo correspondente à jurisdição de um capitão de besteiros. Ao capitão chamava-se Anadel, do termo árabe *an-nadir*. Esta seria a designação árabe que, nessa língua, parece conduzir a “Anadia”. No entanto, a povoação aparece citada nos documentos antigos com a forma *illa Nadia* em que *illa*, artigo, daria lugar a uma vogal, e daí “Anadia”. Ao que tudo indica, seria esta a designação dos Romanos ou mesmo Pré-Romanos. Aliás, os filólogos Joaquim da Silveira e Rodrigues Lapa são da opinião de que “Anadia” deriva de *Aqua Nativa*, nome que os Romanos deram à nascente que brota na base do Monte Crasto, à entrada Sul de Arcos. A verdade é que Anadia surge como *illa Nadia* em 1082, nas confrontações de Monsarros, como já foi referido. Assim, não é difícil encontrar a origem do topónimo *Nadia*: *Aqua Nativa*, deixou cair *Aqua*; *Nativa*, abrandou o *t* em *d*, dando *Nadiva* e, depois *Nadia*, a que foi acrescentado o artigo *a* (*illa*), donde *A Nadia* ou *Anadia*.

Em época mais avançada, crescem as referências a Arcos, enquanto povoado, como é o caso das chamadas Inquirições de D. Afonso II, datadas de 1220, onde aparece grafado de duas formas – *Archus* e *Arcos* – e onde se diz que a vila é regalenga, isto é, pertencia ao Rei; ou o caso do denominado Rol das “Cavalarias” do Vouga – documento que não se encontra datado no seu original, mas a que se acrescentou a data de 1328, a tinta diferente, onde se diz que *Arcus* fornecia ou pagava uma “cavalaria”. Viterbo elucida que o termo “cavalaria”, numa das suas acepções, pode ser tomado como “terra, casal, quinta, herdade, lugar, que antigamente tinha a obrigação de fornecer certo número de cavalos para determinada expedição militar”, o que veio a transformar-se, posteriormente, num tributo pago em dinheiro ou em bens.

A origem toponímica de Arcos como grande parte das designações antigas, é duvidosa, no entanto, tal como Anadia, deverá o seu nome a nascentes de água (arcas), abundantes em todo o sopé do Monte Crasto. Há no entanto quem sustente que a origem toponímica de Arcos se relaciona com qualquer objecto de forma curva, como arco, sendo nesta possibilidade que se baseia o símbolo heráldico da freguesia com que esta ilustra documentos e outras representações gráficas.

De tudo isto se depreende que “Arcos de Anadia” seria o nome aplicado a uma pequena povoação, antes da fundação da Nacionalidade, a qual se situaria tanto a norte como a sul da Fonte de Azenha e, com o decorrer dos tempos e das gerações, o povo viria a chamar Arcos à parte Norte e Anadia à parte Sul. Para esse facto, teria contribuído a doação de três casais pertencentes a esta povoação, feita por D. Afonso Henriques, ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra - «... *tribus casalibus in ipsa villa quae dicitur Anadia...*». Os restantes casais foram doados por D. Sancho I ao Cavaleiro Guterres Nunes, pelos seus bons serviços prestados à Corte.

Tudo indica que a povoação tenha ficado administrativamente separada em duas partes totalmente distintas, pelo menos até à reforma político-administrativa, levada a cabo por D. Manuel I, no início do século XVI. Foi, então, neste reinado que ambas as partes se reintegraram, quando, em 21 de Agosto de 1514, Anadia recebeu Foral de

Couto. Nesta altura, o concelho inicial compreendia apenas a povoação de Anadia, uma parte da paróquia de Arcos e o seu “arredor”, isto é, a parte agrária em volta da Vila.

O Foral novo dado a Anadia por D. Manuel I teve por matriz um Foral mais antigo dado pelo Cabido do Mosteiro de Santa Cruz (Coimbra) aos moradores de Anadia, em 16 de Março de 1371.

Em fins do século XVIII, Anadia era a sede de uma pequena área administrativa constituída pela própria Vila: Alféloas, Fontela e Vale de Azar, estas duas últimas já desaparecidas como povoações. No início do século XIX, mais concretamente com o decreto de 28 de Abril de 1833, esta área administrativa de Anadia, povoação da Freguesia de Arcos, passou a pertencer ao Concelho de Avelãs de Cima, sob as jurisdições da Provedoria e da Diocese de Aveiro. Ficou, então, a Vila de Anadia como sede de um “Julgado”, pertencente, também, à Comarca de Aveiro.

Entretanto, por decreto de Passos Manuel de 6 de Novembro de 1836, foi criado o Concelho de Anadia, ao qual ficaram a pertencer as Freguesias de Arcos, Moita, Mogofores, Avelãs de Caminho e Avelãs de Cima.

Em 1839, Anadia foi elevada a sede do Concelho e, a 31 de Dezembro de 1853, este Concelho foi alargado para os seus limites actuais, beneficiando da extinção do Concelho de São Lourenço do Bairro. Como Freguesia, a cidade de Anadia está na sua própria dependência, dado que, há já cinco séculos, Arcos é parte integrante desta cidade.

A 25 de Novembro de 2004, foi apresentado na Assembleia da República, pelo Grupo Parlamentar do PSD, nomeadamente pelo Deputado Anadiense Sr. Dr. José Manuel Ferreira Nunes Ribeiro, o Projecto de Lei que propõe a elevação de Anadia e povoações contíguas que englobam toda a Freguesia de Arcos e Póvoa do Pereiro da Freguesia da Moita, a cidade.

A 30 de Novembro de 2004, o mesmo Projecto de Lei, foi apresentado nas Assembleias de Freguesia de Arcos e Moita e Assembleia Municipal de Anadia onde foi aprovado por unanimidade, sendo nesta última por unanimidade e aclamação.

No dia 9 de Dezembro de 2004, a vila de Anadia e povoações contíguas (Alféloas, Arcos, Canha, Famalicão, Malaposta e Vendas da Pedreira, da freguesia de Arcos, e Póvoa do Pereiro, da freguesia da Moita, passam à categoria de cidade por aprovação na Assembleia da República. A sua publicação aparece no Diário da República de 26 de Janeiro de 2005.

A de 31 de Janeiro de 2005, a Freguesia fica culturalmente ainda mais rica já que e tendo em conta o parecer emitido pela Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses em 23 de Dezembro de 2004, o Diário da República torna pública a ordenação heráldica do brasão, bandeira e selo.

A composição do brasão já tinha sido votada e aprovada por unanimidade pela Assembleia de Freguesia em 29 de Setembro de 2003.

A Freguesia de Arcos é, sem dúvida, rica em topónimos cheios de história, pelo que não se pode deixar de fazer alusão a essas mesmas origens dos nomes das povoações que a compõem.

Três-Arcos

A povoação de Três-Arcos, situada entre Arcos e Famalicão, está hoje praticamente unida a qualquer destes dois lugares e passará despercebida como lugar diferenciado, a quem não conheça bem o local. Há quem diga que, com toda a probabilidade, deve o seu nome à ponte construída sobre o Rio da Serra – onde em tempos existiu um moinho ou azenha – composta de três arcos, o que nada teria a ver com a toponímia de Arcos, cuja origem é certamente diferente. Simplesmente, existe um senão nesta explicação: Três-Arcos, enquanto nome de povoação, vem já referido no Foral dado por D. Manuel I ao Concelho de Avelãs de Cima, em 1514, e, seguramente, por essa altura, não existia aquela ponte nem nenhuma outra que tivesse três arcos. Era mais provável até que não existisse qualquer passagem sobre o rio e esta se fizesse a vau, quando as águas do próprio rio o permitiam. Em Três-Arcos, tinha o rei quatro casais que lhe pagavam os foros, como na carta de Foral era referido. É, pois, muito mais provável que, à semelhança de Arcos, Três-Arcos retire o seu étimo do Latim *arcu*. No Cadastro da População do Reino, de 1527, a aldeia de Três-Arcos surge grafada como *Tres Arquos*, com apenas quatro moradores, o que empresta maior verosimilhança à origem etimológica sugerida.

Alféloas

O étimo *Alféloas* é originado no árabe *al-halãuã*, que significa “doce açucarado”. Aparece grafado, no Foral dado a Avelãs de Cima, em 1514, por D. Manuel I, como *Alfellas* e, no Foral de Mogofores, dado em Évora, em 8 de Maio de 1520, como *Alfelloaz*. Bem próximo de Alféloas, existia e ainda existe uma “Póvoa”, com apenas um morador, outrora conhecida por “Póvoa” do Roupeiro ou de Ruy “Pereiro”, integrante do antigo Concelho de Avelãs de Cima que é, hoje, conhecida por Quinta da Graciosa.

Famalicão

Famalicão é, igualmente, povoação antiga. Na carta de Foral dada a Avelãs de Cima, em 1514, aparece a grafia *Famelicam*, referindo-se a esta povoação e também *Familicam*, no Cadastro de 1527. Neste Cadastro, diz-se que o “lugar” tinha, naquela data, 23 moradores, o que o tornava bem mais populoso do lugar de Arcos apenas com 12. É terra de gente ilustre, destacando-se, pelo relevo que assumiu na vida cultural portuguesa, a escritora, musicista e compositora, a 2.^a Condessa de Proença-a-Velha, Dona Maria de Melo Furtado Caldeira Giraldes de Bourbon.

Malaposta

Antes de 1859, a Malaposta, enquanto lugar povoado, praticamente não existia. A zona era conhecida como Ponte da Pedra, designação que resultava da ponte que passava sobre o Rio da Serra, para dar continuidade à chamada “estrada real”. Exactamente em 1859, era então Primeiro-Ministro Fontes Pereira de Melo, iniciaram-se as carreiras de “mala-postas”, entre Lisboa e Porto, que aliás haviam de ter uma vida efémera porque, em 7 de Junho de 1864, ficou concluída a via férrea Lisboa-Porto. As “mala-postas” tinham, ao longo do seu percurso, pontos de apoio em casas, de um modo geral propositadamente construídas para o efeito, onde pernoitavam os encarregados das diligências, os respectivos animais e, em alguns desses pontos, os próprios passageiros. Um dos pontos de paragem obrigatória, para restauração e pernoita, veio a situar-se no sítio da Ponte de Pedra e aí cresceu o edifício que, ainda hoje, se vê servindo de restaurante. Com o andar do tempo, em redor da “Malaposta” foram sendo erguidos alguns outros edifícios, moradias e casas de comércio. Pela boa situação à beira da estrada real, por um lado, e pelas escassas centenas de metros que o separavam da estação de caminho-de-ferro de Mogofores, por outro, o sítio não tardou a transformar-se em povoação.

Canha

O lugar de Canha aparece-nos, hoje, praticamente ligado a Malaposta. Mas, ainda há três ou quatro décadas, o “lugar” se resumia a um moinho de cereais que existia mais perto do Rio Cértima. Todavia, as “*vendas de canhas*” são mencionadas no Cadastro da População do Reino, de 1527, com três moradores, isto é, três casas uma ou mais das quais seriam, por certo, locandas à margem da estrada que ali passava. Daí a forma como o lugar é designado no referido Cadastro: *vendas*. A palavra *canha*, usada no singular significa(va) normalmente “a mão esquerda” (canho é o canhoto); mas, usada no plural, *canhas* são as “migas que, depois de feitas, se comem com leite”. Esta última aceção parece conciliar-se perfeitamente com a existência de vendas... de canhas.

Há também uma outra aceção para a palavra *canha*: cachaça. Será que, em vez de “migas com leite”, as vendas forneciam aguardente (não, ainda, a de cana, na época), mas álcool proveniente da destilação do melaço (rum), aos viandantes?

Vendas da Pedreira

Este lugar, no exacto local onde se situa, também não é antigo, sendo o resultado, muito provavelmente, da rectificação do traçado da estrada real, que passaria a umas escassas centenas de metros a Nascente. Lugar de certa importância, nesta zona, era o de Vale do Azar, que decresceu de importância pela razão contrária à que fez crescer o de Vendas: a estrada real deixou de ser para ele ponto obrigatório de passagem. O lugar de Vendas da Pedreira retira o seu nome das locandas que ali se estabeleceram para os viandantes e da proximidade – uma centena de metros a Norte – do lugar ou “póvoa” da Pedreira, que nunca teve importância demográfica significativa, pois surge, no Cadastro da População do Reino, de 1527, com apenas um morador.

Pedreira

Pedreira nunca terá sido povoação importante no sentido de conjunto apreciável de habitações. O documento de 1527, a que temos feito referência, assinala a sua existência, chamando-a de “póvoa” e atribuindo-lhe, apenas, um morador, isto é, uma única casa, provavelmente, sempre intimamente ligada à agricultura que ali, dada a existência do Vale do Cértima, devia ser fácil. A “póvoa” da Pedreira aparece, mais tarde, intimamente ligada à história da Capela de Nossa Senhora da Penha de França, no Monte Crasto. Na actualidade, o local é designado como Quinta da Pedreira. Se a pedra é ou foi ali abundante, não o evidencia o olhar superficial do lugar. A relativa escassez deste material, suficientemente consistente para propiciar construções duradoiras, parece ter sido uma preocupação de outros tempos, pelo que a eventual existência, ali, de algo que se assemelhasse a pedra poderia ter tido a relevância suficiente para dar aos locais referidos topónimos tão ligados a ele.

Vale de Azar

São várias as conjecturas sobre a origem toponímica do lugar de Vale de Azar. Na acepção mais comum, Azar é “sorte adversa, infortúnio, sorte ou acaso” e, também, “luta, batalha”. Daí que alguns afirmem que ali se terá travado, em tempos imemoriais que a história não regista, uma luta armada que para sempre deu nome de Azar ao local onde ocorreu. Trata-se, apenas, de uma conjectura, embora verosímil. Azar é também um nome provavelmente de origem árabe, de uma planta ranunculácea, que produz flores brancas muito aromáticas. Por isso, outros sugerem que a eventual abundância daquelas plantas tenham dado origem ao topónimo. O lugar de Vale de Azar também nunca foi muito povoado. Terá tido, no auge da sua importância, três a quatro casas de habitação, ligadas à exploração agronómica, e uma capela, cujo orago era São Tomé, de que, ainda hoje, existem os vestígios perfeitamente visíveis das quatro paredes e pequeno adro que a compunham.

Região da Bairrada

Dado que pertence ao município de Anadia, a Freguesia de Arcos faz também parte da conhecida Região da Bairrada, cuja Denominação de Origem Controlada só pode ser utilizada na identificação dos vinhos brancos, rosados, tintos e espumantes produzidos nesta área. Com um clima mediterrânico/atlântico, caracterizado por Verões com dias quentes e noites frescas, a Bairrada, país das uvas, das vinhas e de grandes vinhos, é uma Região de colinas suaves, soalheiras e barrentas, cujos limites naturais são os areais da orla marítima e as serras do Buçaco e do Caramulo, abrangendo a totalidade dos Concelhos de Anadia, Mealhada e Oliveira do Bairro, a maior parte do Concelho de Cantanhede, bem como algumas Freguesias dos Concelhos de Águeda, Aveiro, Coimbra e Vagos.

Não são unânimes as opiniões dos etimologistas sobre a origem do nome da Bairrada. Também não são muito antigas as referências escritas que se lhe conhecem. Uma das mais antigas remonta a 1708, quando o Padre Carvalho da Costa publicou a sua Corografia Portuguesa, onde utilizou o topónimo “Bairrada” para designar esta região. São duas as versões existentes relativamente à etimologia desta palavra. Uma foi liderada pelo Professor Amorim Girão que sustentou que “Bairrada” significava “conjunto de bairros”, tomando o termo “bairro” (antigamente “barrio”) na acepção que lhe dá a linguagem popular, isto é, de certos terrenos em que o barro predomina. Da abundância desses terrenos na região terá nascido o nome “Bairrada”.

Por outro lado, a segunda versão defende que “Bairro” nada tem a ver com barro, significando mesmo “bairro”, no sentido urbanístico do termo.

A única opinião unânime relativamente à região da Bairrada é a de que esta participa das indescritíveis belezas de Portugal.

No âmbito histórico-cultural, importa referir o nome de personalidades locais, que, no seu tempo, muito contribuíram para o orgulho da população de Arcos de Anadia, a saber:

- **Visconde, Conde, Marquês da Graciosa** - Foi único Visconde, 1.º Conde e 1.º Marquês da Graciosa Fernando Afonso Geraldês de Melo Sampaio Pereira. Por sucessão, senhor de Meddim, alcaide-mor de Monsanto, oficial-honorário da Casa Real, administrador geral do Distrito de Coimbra. Fora do Reino, foi condecorado com a Ordem da Coroa de Itália e Comendador da Ordem de Cristo.

- **Condes de Anadia** - Eram de alta linhagem e os seus ascendentes tinham grande influência na Corte já na segunda Dinastia. Diplomatas de grande prestígio internacional, tinham em Anadia, a sua casa contígua à velha Capela de São Sebastião. A antiga quinta, onde moravam, faz parte hoje da Estação Vitivinícola da Beira Litoral. Infelizmente, o palácio foi demolido no princípio do séc.xx e no local vieram a ser construídos os edifícios que formam o ângulo Sul-Poente da actual Praça Visconde de Seabra. Em Anadia, nada perdurou que recorde essa nobre família. O primeiro Conde de Anadia foi João Rodrigues de Sá e Melo, falecido em 1809. O segundo foi José António de Sá Pereira Menezes. O terceiro, Manuel Pais Sá do Amaral de Almeida. O quarto título pertenceu a José Maria de Sá Pereira Menezes Pais do Amaral de Almeida Vasconcelos Quifel Barbarino. O quinto foi Manuel Pais de Sá do Amaral Menezes Quifel e Barbarino. Por último, nascido a 28 de Setembro de 1893, é nomeado 6º Conde de Anadia José de Sá Pais do Amaral, cujos descendentes vivem em Mangualde.

- **Dr. José Rolo** - Nasceu em Arcos no dia 2 de Junho de 1903. Depois de sair da escola primária, fez os seus estudos secundários no Colégio dos Carvalhos (Vila Nova de Gaia)

e no Liceu de Coimbra, ingressando depois na Universidade daquela cidade, onde concluiu o seu curso de Medicina em 1930.

Iniciou a clínica na sua terra e desempenhou os cargos de sub-director do Hospital Sub-Regional de Anadia, director do Dispensário Antituberculoso e director da Enfermaria-Abrigo da Misericórdia concelhia. Devido à sua dedicação pelos doentes, a 11 de Março de 1962, os internados da Enfermaria-Abrigo prestaram-lhe uma homenagem descerrando o seu retrato numa das salas daquele estabelecimento.

Para além de ter sido professor de higiene, no Colégio Nacional de Anadia, o Dr. José Rolo foi médico das Caixas de Previdência, fundador da colónia balnear infantil da extinta Associação Recreativa de Arcos de Anadia e da Conferência de S. Vicente de Paulo da mesma Freguesia, bem como director do Dispensário de S. João de Deus, das Irmãs de S. José de Cluny.

- **Pintor Fausto Sampaio** - Filho do Dr. José de Sampaio e de D. Maria do Carmo de Sampaio, nasceu no lugar de Alféloas, a 4 de Abril de 1893. Em virtude de um desastre que sofreu aos 22 meses, perdeu a faculdade auditiva, ingressando aos 8 anos no Instituto de Surdos-Mudos Araújo Porto, no Porto, onde estudou seis anos. Posteriormente, ingressou na secção destinada ao ensino de surdos-mudos da Casa Pia de Lisboa, onde aprendeu rudimentos de desenho e pintura.

Em 1912, regressa a Anadia, onde continuou a pintar, e, em 1926, vai para Paris onde estudou em diversas Academias.

Expõe pela primeira vez em Lisboa, no antigo Salão Robone, e viu as suas 89 telas expostas serem adquiridas. Em 1934, embarca para S. Tomé e, dois anos depois, para o Oriente, tendo percorrido as províncias portuguesas de Macau e Timor, bem como Indochina, Singapura, Hong-Kong, Filipinas, etc.. Depois de em 1944 ter viajado para Goa, regressa à Metrópole e, em 1946, vai para África do Sul por um ano.

Membro honorário do Instituto Vasco da Gama, de Goa, o saudoso pintor surdo-mudo, que foi um dos mais altos valores artísticos da sua geração, honrou bem o nome de Anadia, tendo ficado conhecido como o “Pintor do Império”.

A Câmara Municipal de Anadia homenageou o seu trabalho, dando o seu nome a uma das principais artérias da Vila - a Rua Fausto Sampaio.

- **D. Maria Joana de Melo Osório** - Filha do segundo Conde de Proença-a-Velha e da filha primogénita dos primeiros Condes de Foz de Arouce, nasceu no Paço da Graciosa, a 20 de Julho de 1886, e faleceu a 3 de Junho de 1941. Com ela desapareceu um dos corações mais generosos da Freguesia de Arcos de Anadia. Não hesitava em visitar os lares dos seus semelhantes, levando-lhes palavras de conforto, socorrendo-os monetariamente e até aplicando injeções nos enfermos.

Muito religiosa, deve-se-lhe o desenvolvimento da catequese na sua Freguesia, bem como a fundação do Dispensário de S. João de Deus, da Casa do Trabalho e do Colégio do Sobreiro. Também contribuiu com a sua influência e dinheiro para que o Instituto Salesiano se fixasse em Mogofores.

- **Engenheiro Augusto Cancela de Abreu** - Nasceu em Anadia, no dia 14 de Agosto de 1895, e faleceu em Lisboa no dia 6 de Abril de 1963, tendo sido sepultado no cemitério do Monte Crasto, na sua terra natal. Esta ilustre figura, uma das mais extraordinárias personalidades políticas do seu tempo, era filho do notável conselheiro Abel de Matos Abreu e D. Maria José Monteiro Cancela.

Formou-se em 1919, no Instituto Superior Técnico de Lisboa, e fez parte do Corpo Expedicionário Português, durante a Primeira Grande Guerra, como alferes miliciano, tendo depois sido promovido a tenente e a capitão miliciano.

Durante largos anos, exerceu os cargos de sub-director e director do Caminho-de-Ferro de Lisboa a Cascais; depois, o de administrador dos Caminhos-de-Ferro da Beira Alta e, finalmente, o de presidente da Assembleia Geral da C.P. e delegado do Governo junto do Grémio de Exportação de Vinhos. Foi também membro da Direcção da Associação dos Engenheiros Cívicos e da Ordem dos Engenheiros, bem como Presidente da Comissão Executiva da União Nacional, da Assembleia Geral do Automóvel Clube de Portugal e

do Sport Lisboa e Benfica que, em 1956, se deslocou a Anadia sob o comando do técnico Otto Glória.

O Engenheiro Cancela de Abreu deslocou-se ao Cairo, Brasil e Londres para tomar parte em congressos e conferências internacionais e, paralelamente, a nível político, foi chefe do gabinete do Ministro do Comércio e Indústria. Também ocupou, no Governo, a pasta das Obras Públicas, de Setembro de 1944 a Fevereiro de 1947, e a do Interior, desde esta data até Agosto de 1950.

Como galardão dos seus méritos e serviços, recebeu, entre outras condecorações, a Comenda do Mérito Industrial, a Grã-Cruz de Cristo e a Grã-Cruz de Isabel, a Católica de Espanha. Foi eleito deputado em quase todas as legislaturas do Estado Novo e pertenceu à Câmara Corporativa.

Contudo, o Engenheiro Cancela de Abreu nunca esqueceu a sua terra, que lhe ficou a dever inestimáveis benefícios, nomeadamente a doação que uma propriedade e, enquanto Ministro, a construção do Bairro Popular.

- Dr. Paulo Cancela de Abreu - Nasceu em Anadia a 3 de Junho de 1885. Concluído o curso de Direito na Universidade de Coimbra, em 1909, foi logo escolhido para secretário do então Ministro da Justiça, conselheiro Artur Montenegro. Posteriormente, foi sub-delegado do procurador da República nas comarcas de Águeda e de Lisboa. Enquanto advogado, interveio em muitos pleitos políticos nos tribunais criminais e militares, bem como em importantes causas civis, comerciais e criminais. Pertenceu igualmente aos conselhos geral e superior da Ordem dos Advogados e foi delegado à Assembleia Geral. Por escolha do Prof. Dr. Oliveira Salazar, foi comissário do Governo na difícil liquidação da casa bancária Porto Covo & Companhia.

Deputado monárquico por Lisboa na legislatura de 1922 a 1925, também o foi pelo círculo de Aveiro, a partir de 1945, tendo sido vice-presidente da Assembleia Nacional, em duas das suas legislaturas.

Por cessão que lhe foi feita e a seu irmão, Dr. Armando, pelo conselheiro José Luciano de Castro, o Dr. Paulo Cancela de Abreu foi co-proprietário, editor e colaborador da centenária revista de jurisprudência *O Direito*.

Este foi um homem que, apesar de exercer a sua profissão em Lisboa desde 1910, nunca esqueceu a sua terra natal e os seus problemas.

- **Dr. Fernando Costa e Almeida** - Nascido em Anadia a 21 de Outubro de 1902, frequentou a Universidade de Coimbra, onde concluiu o seu curso de Medicina em Janeiro de 1927. Os seus pais eram a Sra. D. Maria da Conceição Cerveira e Almeida e o Dr. António Costa e Almeida, que foi médico municipal e sub-delegado de Saúde no Concelho de Anadia.

Foi director clínico do Hospital-Asilo José Luciano de Castro, de Anadia, desde Março de 1928, e a ele se deveu a construção do pavilhão onde se instalaram os quartos particulares, a sala de operações, gabinetes de fisioterapia, entre outros.

Em conjunto com o seu amigo Manuel Craveiro Júnior, professor primário, criou a revista de costumes locais denominada *Champanhalândia*, cujas receitas aplicou na construção de duas enfermarias para crianças. Ajudou igualmente a fundar a corporação dos Bombeiros Voluntários de Anadia, tendo sido presidente da sua Direcção até 1964. Também se lhe deve a criação da banda de música de Anadia.

Foi director do jornal nacionalista de Anadia *Acção Nacional*, presidente da Comissão Concelhia da U.N., vogal da Comissão Distrital, presidente da Junta de Turismo da Curia e director clínico da estância de Vale de Mó. Foi igualmente presidente e gerente do Grémio da Lavoura de Anadia, bem como presidente da Cooperativa Agrícola de Anadia, organismo que fundou em 1951.

Em Janeiro de 1966, devido à sua acção no seio dos organismos corporativos, o Dr. Costa e Almeida foi nomeado para a presidência da Federação dos Grémios da Lavoura da Província da Beira Litoral, sendo representante desta província no Conselho Geral da Junta Nacional do Vinho e da Corporação da Lavoura, assim como vogal da delegação portuguesa do *Office International du Vin*. O nome deste médico também ficou sempre ligado à construção da Adega Cooperativa de Vilarinho do Bairro. Para além de ainda ter sido director do Dispensário Antituberculoso de Anadia, foi médico municipal e sub-delegado de Saúde.

- **Conselheiro José Luciano de Castro** - Nascido em Oliveirinha, Concelho de Aveiro, a 14 de Dezembro de 1834, José Luciano de Castro radicou-se em Anadia, onde casou com D. Maria Emília de Seabra. O grande estadista faleceu em Anadia, a 9 de Março de 1914, deixando duas filhas, D. Júlia e D. Henriqueta Seabra de Castro.

Chefe do partido progressista, foi um dos mais notáveis estadistas da monarquia liberal. Presidente do Conselho de Ministros, ministro, deputado, jornalista, jurisconsulto, governador do Crédito Predial, o seu nome e a sua acção como homem público encheram uma época da vida política nacional. Graças à sua decisiva influência, Anadia, que era um aglomerado insignificante, cresceu e modernizou-se.

Grato à memória do estadista, o Concelho de Anadia ergueu no largo principal da terra o seu busto como preito de homenagem. A sua biblioteca foi legada em partes iguais às bibliotecas municipais de Aveiro e de Anadia, pelas suas filhas. Uma da volumosa correspondência por ele recebida foi oferecida à Biblioteca da Assembleia Nacional, constituindo um acervo precioso de informações sobre a vida política portuguesa da época a que respeita e a outra parte conserva-se no Arquivo do Museu que tem o seu nome, em Anadia.

- **D. Henriqueta e D. Júlia Seabra de Castro** - Filhas do conselheiro José Luciano de Castro Corte Real, que foi Ministro do Estado, e de D. Maria Emília Seabra de Castro Corte Real, nasceram, respectivamente, nos dias 4 de Março de 1868 e 17 de Junho de 1869. Nobres pelo nascimento e pelas acções que praticaram, Anadia ficou a dever a estas saudosas senhoras serviços inestimáveis. Apesar de viverem a maior parte do tempo na capital, demonstraram sempre um amor extraordinário à sua terra, o qual se reflectiu na importante doação do Hospital José Luciano de Castro, da Quinta das Felgueiras e do Palácio dos Navegantes (Lisboa) à Misericórdia de Anadia.

- **Professor Doutor Manuel Rodrigues Lapa** - Professor catedrático prestigioso, notável filólogo, publicista e jornalista, nasceu em Anadia, a 22 de Abril de 1897. Foi aluno da Casa Pia e, terminado o curso liceal, frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, concluindo o curso como bolseiro do Prémio Luz Soriano.

Em 1920, foi nomeado, por concurso, sub-bibliotecário da Biblioteca Nacional de Lisboa. De 1920 a 1928, exerceu o cargo de professor agregado e efectivo de dois liceus em Lisboa e um em Guimarães. Em 1928, foi professor contratado de Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Como bolseiro da Junta da Educação Nacional, esteve na Universidade de Paris a fazer estudos do Provençal e do Francês antigo. Depois de publicar a sua tese de doutoramento, em 1930, foi nomeado professor auxiliar da Faculdade de Letras de Lisboa. A 15 de Maio de 1935 teve de deixar essas funções e, nesse mesmo ano, assumiu a direcção do jornal *O Diabo*. Em 1937, dirigiu a colecção “Textos Literários”, edição da revista *Seara Nova* e a colecção “Clássicos Sá Costa”.

O professor Rodrigues Lapa realizou uma intensa investigação dos textos clássicos existentes nos arquivos e bibliotecas do país, tendo muitos desses textos sido revelados nas suas obras. Também manifestou o maior interesse pela literatura e língua galegas, tendo, em 1930, publicado os Vilancicos galegos dos séculos XVII e XVIII. As suas principais obras são Lições de Literatura Portuguesa - Época Medieval (1933), Estilística da Língua Portuguesa (1945), Cartas Chilenas e Miscelânea, editadas no Brasil, e Cantigas d’escârneo e de maldizer.

O professor fez também vários cursos de literatura medieval nas universidades brasileiras, nomeadamente na de Belo Horizonte e em Santiago de Compostela. Depois de se afastar da sua vida profissional, construiu em Anadia uma airosa vivenda para passar os seus momentos de ócio e de estudo. Esta é, sem dúvida, uma figura de grande prestígio intelectual e moral e, como tal, em 1997, foi criada uma comissão organizadora das comemorações do centenário do seu nascimento.

- **Mário Duarte** – Nasceu em Anadia, a 7 de Abril de 1869, e faleceu a 9 de Dezembro de 1939. Enquanto académico, frequentou as Universidades de Coimbra, Porto e Lisboa, tendo sido companheiro do desditoso poeta António Nobre. Desportista, praticamente enciclopédico, alcançou numerosas e honrosas classificações em provas de natação, remo, hipismo, tiro, ciclismo, ténis, entre outras modalidades, sagrando-se campeão em algumas delas. Foi vencedor do plebiscito «Qual o *sportman* mais completo de

Portugal?», feito em 1907 pela revista *Tiro e Sport*. Foi capitão do Grupo de Ginásio Aveirense, director do Velódromo de Lisboa e organizador das primeiras provas de natação. Fez ainda parte da primeira equipa de ténis que se deslocou à Madeira e organizou outros encontros da modalidade.

Em 1893, quando foram organizadas, no Porto, as primeiras corridas de ciclismo, participou nelas com êxito, vencendo os melhores especialistas espanhóis e portugueses. Em 1896, ganhou o campeonato nacional de amadores de velocidade no festival de inauguração do Velódromo de Vila do Conde e, dois anos depois, repetiu a proeza em Lisboa.

Para além de ser um *habitué* do stand de tiro aos pombos da Tapada da Ajuda, onde venceu várias taças, Mário Duarte também toureou em muitas corridas de beneficência.

Em 1913, foi encarregado pelo Governo de acompanhar a primeira embaixada desportiva ao Brasil e estudar o desenvolvimento desportivo naquele país. Foi presidente do Congresso da Federação Portuguesa de Futebol, depois de ter sido o iniciador da Associação de Futebol de Aveiro. Era também presidente honorário do clube que os amigos fundaram em Aveiro com o seu nome, presidente honorário da Assembleia Geral do Sport Clube Beira Mar e sócio honorário do Clube de Futebol “Os Belenenses”.

Mário Duarte colaborou em diversos jornais e revistas e foi administrador do Concelho de Ílhavo (1897), bem como comissário da Polícia de Aveiro (1898), cargos que exerceu por pouco tempo, pois tendo sido nomeado inspector do selo, e a seguir director de Finanças, exerceu estas funções durante quarenta e dois anos. Devido à morte de seu filho Carlos Júlio que muito o abalou, pediu a reforma e deixou a presidência da Comissão Municipal de Turismo de Aveiro. Este saudoso e ilustre anadiense também publicou duas pequenas revistas, com o título *Ovos Moles* e *Mexilhões*.

-Manuel Ribeiro - Nasceu a 15 de Dezembro de 1879. Foi condecorado com as insígnias do GRAU DE CAVALEIRO DA TORRE E ESPADA DE VALOR,

LEALDADE E MÉRITO, a mais alta condecoração do exército pela Rainha Regente D. Maria Pia, fruto de grande heroísmo e amor à Pátria-Mãe em solo africano.

Faleceu em Anadia a 21 de Março de 1936.

A Junta de Freguesia de Arcos e por deliberação em Assembleia de Freguesia, fez chegar à Câmara Municipal a pretensão de atribuir o nome do nosso bravo conterrâneo a uma Rua da Vila.

A dois de Março de 1994 à praceta e rua denominados - Rua Particular e Praceta Particular foi atribuído o nome Manuel Ribeiro.

A 22 de Novembro de 1997 foi homenageado pela Câmara Municipal de Anadia e descerrada uma placa toponímica na Praceta com o seu nome.

PARÓQUIA DE ARCOS

POPULAÇÃO

DIVISÃO ETÁRIA:

Crianças: 25%

Adolescentes: 25%

Adultos: 35%

Idosos: 15%

Número de Residentes: Cerca de 5.400 habitantes (Censos 2001).

Anadia: 3.034

Arcos: 338

Malaposta: 325

Vendas da Pedreira: 135

Famalicão: 695

Alféloas: 521

Canha: 51

Número de Eleitores Recenseados: Cerca de 4.352 eleitores em 31.12.2003

DESENVOLVIMENTO E TURISMO

SECTORES ECONÓMICOS:

Primário: 40%

Secundário: 30%

Terciário: 30%

A principal ocupação da população, até meados do século XX, era a agricultura, cuja produção principal era o vinho, facto que deu origem ao comércio do mesmo e à fundação de Caves, que permitiram a exportação do vinho da Bairrada.

Também se cultivavam cereais, como aveia, trigo, cevada, centeio e milho, tendo-se depois intensificado o cultivo da batata e a exploração florestal.

Paralelamente, desenvolveu-se a cerâmica, a serração da madeira, a actividade vidreira e a cestaria.

Arcos tornou-se, portanto, uma das mais importantes Freguesias do Concelho, não só devido à explosão demográfica a que assistiu, mas sobretudo devido à ascensão comercial e industrial, sendo de salientar a cerâmica e os espumantes, importante actividade de mais de vinte empresas, onde se produz 60 % do espumante nacional.

Assim, não se pode deixar de assinalar a Estação Vitivinícola da Beira Litoral.

A nível de outro tipo de serviços indispensáveis, Arcos de Anadia possui:

- Quartel da GNR - Posto territorial de Anadia

Telefone: 231 512 341

- Quartel de Bombeiros

Telefone: 231 512 122

MEIOS DE ACOLHIMENTO: Para melhor receber os visitantes e curiosos turistas, esta Freguesia dispõe de um Hotel de 3 estrelas, situado em Anadia - o **Hotel Cabecinho**, na Avenida do Cabecinho.

DESPORTO, CULTURA E LAZER: Preocupada com o desenvolvimento integral local, esta Freguesia está dotada de alguns meios, como um Pavilhão Municipal, Piscinas, campos de Ténis, campo de Futebol de 7 com relva sintética, campo de Futebol de 11 com relva natural, 2 campos de Futebol em terra batida e, brevemente, também terá um Cine-Teatro, uma biblioteca, um Campo de Futebol de 11 com relva sintética, bem como um Pavilhão Multi-usos.

No âmbito cultural, e a nível de imprensa, Arcos tem um Semanário - *A Região Bairradina* - e a Rádio Província. Para além disso, esta Freguesia também conta com uma publicação regional semestral - a revista *Aqua Nativa*. Esta revista de cultura da região da Bairrada, é publicada pela Associação Cultural de Anadia.

Ao longo dos tempos, as populações foram-se organizando em associações ou colectividades, perseguindo finalidades e objectivos bastante diversificados, sempre visando elevar a sua cultura e o seu bem-estar social. São disso exemplo:

- **Atlético Clube de Famalicão** - Esta colectividade, foi fundada no dia 15 de Setembro de 1946, sendo sempre bem representada no nosso futebol regional.

- **Anadia Futebol Clube** - A sua fundação data de 19 de Novembro de 1926.

Faz parte do seu historial a conquista de diversos campeonatos tanto a nível distrital como nacional nas modalidades de atletismo, futebol e basquetebol.

Foi a primeira equipa bairradina a disputar um campeonato nacional da 2.^a Divisão de futebol, na época de 1949/50.

Na época de 1989/90, ganhou o Prémio *Fair Play*, distinção atribuída pelos árbitros do Campeonato Nacional de Futebol, bem como a Medalha de Bons Serviços Desportivos, atribuída pelo Governo da República.

- **Grupo Columbófilo da Bairrada** - Tem a sua sede em Anadia.

- **Associação Cultural e Recreativa de Alfêloas.**

- **Rouxinóis de Anadia** –Grupo de teatro amador.

- **Associação Cultural de Anadia**- Entre outras realizações edita a Revista Aqua Nativa na qual foram feitas grande parte das consultas e, até, retiradas frases completas para elaboração deste trabalho. Fomenta ainda um Núcleo de Estudos Anadienses.

- **Hipódromo da Bairrada - HB** - Este centro equestre dedica-se à preparação de cavalos e cavaleiros de desporto. Trabalhando directamente com criadores nacionais e estrangeiros, o HB dispõe de pessoal qualificado e instalações de grande qualidade, nomeadamente 50 *boxes*, 2 picadeiros cobertos, picadeiro *allweather*, campo de obstáculos e pistas. A sua actividade também consiste na preparação de cavalos para provas de Ensino, o que pressupõe um trabalho diferente.

-**Casa Rodrigues Lapa**- Instituída em homenagem a este Anadiense ilustre com a finalidade, entre outras, de realizar estudos regionalistas.

- **Agrupamento 221 de Escuteiros de Anadia**

- **Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Anadia** - A sua fundação data de 20 de Dezembro de 1933 e foi seu primeiro Comandante José de Pinho que, na altura, se encontrava em Anadia a secretariar a Secção de Finanças do Concelho. O primeiro incêndio em que intervieram, pouco depois da sua fundação, verificou-se em Águeda, a 4 de Dezembro de 1934. São numerosos, e sempre oportunos e úteis, os serviços da corporação quer no Concelho de Anadia, quer noutros Concelhos, ocorrendo

prontamente o seu Corpo Activo que solicitado. Esta Associação está filiada na Liga dos Bombeiros portugueses desde 1948, estando presente em todos os Congressos.

Os seus fundadores foram: Dr. Fernando Costa Almeida, Dr. Fernando Cancela de Abreu, Padre Abel Condesso, Dr. Alberto Meirano, Dr. Manuel Joaquim Pires, Óscar Alvim, Júlio Augusto Santos Maia, Serafim Tavares Alves, Armando Magalhães, Artur Ferreira da Silva.

- **Banda de Música de Anadia** - Foi fundada em 3 de Outubro de 1949, então ligada aos Bombeiros Voluntários de Anadia. Foi o seu principal fundador o Dr. Fernando Costa e Almeida. Teve como primeiro Mestre Joaquim José Ramos Lopes. A sua primeira apresentação ao público anadiense teve lugar em Dezembro de 1950, aquando da inauguração do Bairro Cancela de Abreu, tendo em Janeiro de 1951 participado nas festas religiosas da Vila de Anadia em honra do Mártir S. Sebastião. Durante alguns anos, a Banda de Música de Anadia foi acarinhada pelas Direcções dos Bombeiros Voluntários de Anadia que, mais tarde, por dificuldades e uma grave crise gerada, levou a Banda de Música de Anadia por outro caminho.

Em 1976, inaugurou a sua sede na Rua Fausto Sampaio, espaço já existente e cedido pela Câmara Municipal de Anadia. Em 21 de Setembro de 1990, lavra escritura no Cartório Notarial de Anadia, tendo como objectivo cultivar e desenvolver a arte musical, estando inscrita no Inatel como CCD, sob o n.º 2771, desde 11 de Outubro de 1994.

Tendo passado por determinadas obras de restauração e adaptação, a sede tem hoje uma excelente sala de ensaios, além de outras divisões ao serviço da Banda bem como da sua Escola de Música. Em 1999, no seu 50.º aniversário, a Câmara Municipal de Anadia, em reconhecimento pelo trabalho realizado e pelo facto de ser a única Banda de Música no Concelho, cedeu o direito de superfície do edifício/sede, contributo enriquecedor de um espaço cultural que muito vem valorizar a Música de Anadia.

Desde a sua fundação, têm sido vários os regentes na direcção musical. Depois de Joaquim José Ramos Lopes (1.º Mestre), estiveram ao seu serviço António Campos, Manuel (da Leonarda) Gomes Fernandes, António Saúde, Flávio dos Santos, António Brito, Manuel Lindo Pleno, Carlos Marques, Fernando Fernandes e o actual responsável pela Direcção Artística, desde Fevereiro de 2002, o jovem anadiense **André Bernardes**

Silva Dimas, nascido em 1982, que, tendo começado a sua aprendizagem na escola de Música da própria Banda, em 1994, também fez parte das suas fileiras como executante de Saxofone.

A Banda é composta por 47 elementos de ambos os sexos, todos, excepto dois, oriundos da sua própria Escola de Música, actualmente com cerca de 20 alunos, alguns dos quais já fazem parte das fileiras da Banda, sendo alguns também alunos de Conservatórios de Música, constituindo o “alfobre” da colectividade. Tem como responsáveis o referido Regente, bem como o Contramestre Manuel Germano Silva Dimas, que dirige o seu ensino desde 1982 e é executante de Sax-Tenor na Banda, desde 1967.

Tem como actividades correntes, para além da Escola de Música (gratuita), um coro litúrgico e participa em festas religiosas (procissões, arruadas), comemorações (Dia Mundial da Música, 25 de Abril, Vindimas da Bairrada), concertos e ainda em desfiles, festivais, efemérides, inaugurações e intercâmbios.

Quando necessário, apoia os seus músicos em acções de formação, dando também apoio pedagógico aos alunos que frequentam Conservatórios de Música.

No dia 23 de Julho de 2003, a Banda de Música de Anadia grava o seu primeiro CD. O seu alto valor enche de regozijo qualquer anadiense, forte razão de uma sólida união entre Direcção, Mestre e componentes, certeza também do extraordinário contributo para o bom nome de Anadia.

Morada: Rua Fausto Sampaio – Apartado 77 – 3781-907 Anadia

Telefone/Fax: 231 512 598.

ACÇÃO SOCIAL: Não descurando esta importante área de acção, esta Freguesia tem ao dispor dos seus habitantes:

- **Hospital de José Luciano de Castro**
- **Centro de Saúde de Anadia**
- **Santa Casa da Misericórdia**, com diversas valências
- **Instituto de Reinserção Social**
- **Departamento da Segurança Social**
- **Delegação das Conferências S. Vicente Paulo**
- **Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco**

-Tribunais de Comarca e de Círculo.

APPACDM - Esta Freguesia divide com a Freguesia de Avelãs de Caminho as excelentes instalações da APPACDM que têm sido fundamentais no apoio e integração dos cidadãos com deficiência mental.

ENSINO: No âmbito da Educação, esta Freguesia está munida de algumas infra-estruturas, como Escolas Pré-Primárias, Escolas do Ensino Básico do 1.º, 2.º e 3.º Ciclos, uma Escola do Ensino Secundário, bem como o Colégio Nossa Senhora da Assunção, orientado pelas freiras da Ordem de São José de Cluny que se ocupa da educação de muitas jovens, desde o Infantário ao 12.º ano.

GUIA TURÍSTICO: Para satisfazer a sede de cultura dos seus visitantes, esta Freguesia tem para oferecer um património que é, essencialmente, uma herança cultural. Pode ostentar séculos ou milénios, mas deve ser sempre entendido como um conjunto de manifestações que emana dos mais diversos graus do conhecimento humano, gerado por múltiplas gerações que, à sua maneira, compreenderam a necessidade de transmitirem algo aos vindouros.

- **Paços do Concelho** - O urbanismo dos últimos dois séculos fez desaparecer alguns edifícios antigos, como os velhos Paços do Concelho e o Hospício dos Frades de Santo António. Os actuais Paços estão datados, como acabamento, de 1880. No largo fronteiro, ergueram um monumento, com o busto em bronze, ao estadista José Luciano de Castro; no jardim contíguo, um outro, pequeno, em neo-manuelino, aos mortos da Grande Guerra.

- **Igreja Paroquial de Arcos** - Datada do século XVIII, a Igreja Paroquial de Arcos, da invocação de São Paio ou Pelágio, mártir, sofreu ao longo dos séculos várias reformas, uma das quais no arco cruzeiro, nos nichos que se abrem de lado e no tecto da capela-mor, que são modernos. O último grande restauro teve início em 1961.

Trata-se de um edifício de tipo corrente, sem altares colaterais ao arco cruzeiro, mas recortam-se nos flancos arcos destinados aos mesmos. O retábulo principal é de madeira entalhada, do tipo dos séculos XVII e XVIII, retocado no fim do século XIX, e possui imagens valiosas da oficina coimbrã, que remontam aos séculos XV e XVI. As imagens de São Pedro e São João são de calcário e datam do século XVI, enquanto que a de Nossa Senhora do Bom Leite data do século XV. Há ainda a registar as imagens de São Martinho, Santa Luzia, São Paio e Nossa Senhora do Rosário. Bonitos e valiosos são também os azulejos da capela-mor, de fabrico de Coimbra, datados de 1747, que se devem a Aires Sá e Melo, pai do 1.º Conde de Anadia, por devoção ao Santíssimo Sacramento.

Sabe-se através de um letreiro que a frontaria e a torre sineira foram mandadas fazer por Lourenço da Gama de Abreu e Lima, capelão fidalgo da Casa Real, à sua custa e por sua devoção, em 1770:

«*ESTA TORE E FRONTARI
A M(ando) FAZER LOVRENÇO DA
GAMA DE ABREV E LIMA M
OSO FIDALGO CAPELLAM
DA CAZA REAL A SVA CV
STA SEM SER OBRIGADO P
OR SVA DEVOCAM
SENDO PRIOR DES
TA IGREIA NO A
NO DE 1770.*»

- **Capela de São Sebastião** –É propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Anadia. Foi profundamente modificada, mostrando, no entanto, partes antigas, como os pináculos da capela-mor, do início do século XVIII, e a porta principal da segunda metade do mesmo século. O retábulo é em madeira entalhada do Barroco inicial e possui colunas salomónicas onde sobressaem as parras. O crucifixo do altar-mor, em pedra, foi talvez originariamente uma cruz de caminho. Neste templo podem ver-se pequenos baixos-relevos repintados, postos na frente dos pedestais das colunas, *juízo de São Sebastião, Santa Bárbara, Santa Águeda, São Sebastião martirizado ao qual dois anjos tiram as setas*; no remate outro, *a degolação de uma santa*. A escultura primitiva de São Sebastião, de calcário, remonta aos séculos XV-XVI e é corrente.

Refira-se que, no dia 3 de Abril de 1696, contraíram aqui casamento Lourenço Aires de Sá e Melo e D. Francisca Joana de Mendonça, ascendentes dos Condes de Anadia, facto que demonstra a antiguidade deste pequeno templo.

- **Capela de Nossa Senhora das Febres** - Esta capela, outrora de Senhora da Penha de França, ergue-se no alto do Monte Crasto. Com reconstrução moderna, muito pouco

resta do que terá sido esta ermida originalmente. Apenas nas portas e cimalkas existem vestígios que nos permitem afirmar que terá sido uma construção dos séculos XVII e XVIII. O retábulo é de madeira simples, do terceiro quartel do século XVII, com pinturas hagiográficas secundárias. A escultura da Virgem com o Menino, a que chamam Nossa Senhora das Febres, de madeira entretanto roubada, era pequena e sóbria, pertencendo ao século XVIII. O primitivo edifício foi demolido há tempos, dando lugar a um edifício moderno, onde foram apagadas todas as referências históricas.

- **Capela de São Mamede** - Localizada na povoação de Famalicão, trata-se de um edifício corrente, reconstruído no século XIX e modificado ainda no mesmo século. A frontaria apresenta porta de verga curva e sineira colocada à esquerda. Interiormente, possui de valor um retábulo, dos fins do século XVII, com quatro colunas salomónicas. A escultura do titular, São Mamede, é de calcário e data de meados do século XV. O púlpito é de pedra de Ançã e do século XVIII.

Segundo informações paroquiais de 1721, neste ano, a capela já tinha sido erigida pelos moradores, para administração dos sacramentos.

- **Cruzeiro de Arcos** - Está situado na entrada Norte da povoação, junto ao ribeiro. Tipo de cruzeiro de caminhos, de grandes braços rectangulares, conservando de antigo só a parte inferior da haste, o plinto e os dois degraus; nessa parte da haste que resta, vê-se esculpido o prego simbólico e um crescente lunar atravessado dum seta. Nas faces do plinto, lê-se:

«E(sta?) M(emória?) SE POS AQVI NO ANNO DE 1716.»

- **Museu José Luciano de Castro** - Sediado no Palacete Seabra de Castro, foi inaugurado a 8 de Dezembro de 1998 e, actualmente, é pertença da Santa Casa da Misericórdia de Anadia. Parte do seu espólio foi doado pelas duas filhas do ilustre estadista português José Luciano de Castro, homem influente do governo do Reino de Portugal, em finais do século XIX e princípios do século XX. No sentido de homenagear esta personalidade e perpetuar a sua memória, a Santa Casa decidiu expor o valioso espólio de objectos que lhe pertenceram e que, hoje, fazem parte da colecção do Museu: mobiliário, pintura, escultura, arte sacra, desenho, trajes, objectos pessoais, documentos, fotografia, etc..O Museu está integrado na Rede Portuguesa de Museus.

- **Museu do Vinho** - Foi inaugurado em 27 de Setembro de 2003. É um espaço museológico, pluricultural, dos maiores do País, que a Bairrada e os seus vitivinicultores merecem.

- **Casas Senhoriais** - De acordo com o Inventário Artístico de Portugal, efectuado pela Academia Nacional de Belas Artes, em 1959, o Paço da Graciosa, que engloba uma capela, é a “casa de categoria da região”. Obra dos fins do século XVIII, deverá ter sido mandada construir por José de Melo Sampaio Pereira de Figueiredo. O primeiro titular, Fernando Afonso Geraldês de Melo Sampaio Pereira, foi feito sucessivamente Visconde, Conde e, depois, em 1879, Marquês da Graciosa. O Paço da Graciosa foi classificado como Valor Concelhio.

- **Rota do Vinho da Bairrada** - A Rota do Vinho da Bairrada é um projecto em fase adiantada de implementação, que consiste na oferta de um produto turístico de características promocionais, culturais e pedagógicas inovadoras. O seu objectivo é atrair os turistas nacionais e estrangeiros às Caves, Adegas e Produtores-Engarrafadores da Região, para visitas programadas segundo rotas pré-estabelecidas.

Este programa envolve quatro Municípios da Região Demarcada da Bairrada (Anadia, Cantanhede, Mealhada e Oliveira do Bairro), a Comissão Vitivinícola Regional da Bairrada, a ADELO (Associação de Desenvolvimento Local do Mondego e Bairrada), a Direcção-Geral do Turismo e a Comissão de Coordenação da Região Centro. Aderiram a esta iniciativa 18 produtores, entre os quais as 5 Adegas Cooperativas da Região.

O projecto tem deparado com alguns lamentáveis obstáculos levantados por entidades oficiais, nomeadamente a Junta Autónoma das Estradas, por causa da simbologia a utilizar na imprescindível sinalização viária da Rota. Numa época em que bastantes países produtores vinícolas do Velho e do Novo Mundo têm já devidamente organizadas e assinaladas várias das suas Rotas do Vinho, fazendo delas um importante factor de promoção cultural e turística das respectivas regiões. Tenhamos esperança em que a falta de cultura de algumas pessoas, que têm o poder de decidir, não seja suficiente para impedir a divulgação da milenar e nobre Cultura do Vinho.

-Estação Vitivinícola da Bairrada – Por Decreto Real de 30 de Junho de 1887 foi criada a Escola Prática de Viticultura e Pomologia da Bairrada, a primeira duma série que então se ergueram pelo País, algumas das quais, chegaram aos nossos dias, com designações e funções diferentes, como a de Anadia.

O primeiro Director foi o Eng^o Agrónomo José Maria Tavares da Silva que principiou as suas funções em Janeiro de 1889 e dirigiu as construções que ainda são as actuais.

Em 1891 a Escola Prática de Viticultura e Pomologia da Bairrada é desdobrada em Estação Ampelo-Filoxérica e Escola Elementar de Viticultura Prática.

Em 1892 tem a denominação de Escola de Viticultura Alexandre de Seabra.

Em 1899 passa a chamar-se Escola e Ensino Manual da Bairrada.

Em 1901 é criada a Estação de Fomento Agrícola da Bairrada que em 1911 passa a chamar-se Estação Agrária da 4^a Região Agrícola, até que volvidos dois anos, em 1913, assentou em Posto Agrário da Bairrada.

Como Posto Agrário, funcionou durante 18 anos e, por fim ,em 1913 é criada a actual Estação Vitivinícola (da Beira Litoral).

No primeiro da sua actuação na Bairrada (1889), o dinâmico director, Tavares da Silva, nos entrementes das suas enormes preocupações com a construção do edifício destinado ao Colégio, que durou 16 meses, teve tempo para se dedicar à experimentação enológica, dando-nos no ofício, de 9 de Maio de 1890, par o Director Geral da Agricultura, a notícia do primeiro passo para a valorização das massas vnicas.

Com base em documentos existentes, e alguns transcritos em excertos publicados no livro lançado aquando do centenário da Estação Vitivinícola, uma das primeiras preocupações de Tavares da Silva foi a “champanhização” com vinhos da Bairrada. E conseguiu.

Embora a fabricação de vinhos espumantes, começasse em 1890, Tavares da Silva, achou que só deviam ser apresentados no mercado no ano de 1895.

Com isto, podemos afirmar que o espumante da Bairrada, nasceu na Estação Vitivinícola tendo chegado à denominação de origem controlada-Bairrada, através duma portaria de

1979 que estabeleceu as condições a que deviam obedecer as vinhas e os vinhos regionais.

Desde 1928 que se realizam Cursos Intensivos de Vinificação, que tiveram como Director, o Engº Mário dos Santos Pato «uma autoridade incontestada em assuntos enológicos».

Actualmente funciona na Estação Vitivinícola da Bairrada, a Escola de Viticultura e Enologia da Bairrada, criada em Julho de 1991, que tem como objectivo a «profissionalização» de técnicas na área vinícola e ministrar o ensino nas áreas científicas e sócio-culturais que viabilize o acesso ao Ensino Superior.

TRADIÇÕES

FESTAS E ROMARIAS: Na Freguesia, realizam-se festas em honra de:

- **Nossa Senhora do Rosário e São Paio**, em Arcos, no mês de Junho.
- **Padroeiro São Sebastião**, em Anadia, em Janeiro.
- **Nossa Senhora das Febres**, no Monte Crasto, nos dias 8 e 9 de Setembro.
- **Nossa Senhora da Paz**, em Alféloas, na Segunda-feira de Páscoa.
- **São Mamede**, em Famalicão, no último Domingo de Agosto.
- **Procissão Corpo de Deus**

Não se pode deixar de mencionar outras manifestações populares e tradicionais na região anadiense, como as **Marchas Populares**.

GASTRONOMIA

PRATOS TÍPICOS: Do variado património gastronómico da região da Bairrada, a mais rica de toda a Beira Litoral e uma das mais valiosas de Portugal, destacam-se:

- Leitão à Bairrada
- Chanfana à Bairrada
- Cabidela de Leitão

VINHOS DA REGIÃO: São néctares da região os Vinhos de Mesa, Brancos e Tintos, e os Vinhos Espumantes da Região Demarcada da Bairrada, uma das mais antigas regiões vitícolas portuguesas. Os vinhos tintos representam 90 % da produção regional, enquanto os brancos são essencialmente utilizados pela indústria dos espumantes.

As Aguardentes Bagaceiras desta região constituem igualmente um valioso sub-produto da vinificação e posicionam-se entre as melhores do País.

É de referir a existência, desde 11 de Junho de 1979, da **Confraria dos Enófilos da Bairrada**, a primeira a ser criada numa região vinícola portuguesa, que procura prestigiar os vinhos da região. As suas reuniões habituais, denominadas por “capítulos”, culminam com uma manifestação gastronómica, onde ocorrem personalidades não só do sector vinícola, mas também de outros quadrantes da sociedade. A Confraria dos Enófilos da Bairrada partiu igualmente para outras iniciativas, como organização de Jornadas Vitivinícolas da Bairrada, Provas Públicas de Vinhos, Visitas de Estudo a Regiões Demarcadas Nacionais e Internacionais e, mais recentemente, a elaboração do “Roteiro Gastronómico da Bairrada”.

DOCES REGIONAIS: Fazem parte da doçaria da região:

- Aletria
- Arroz Doce
- Leite-Creme
- Barrigas de Freira - Divulgado em todo o país, este doce conventual, cuja origem se perde na bruma dos tempos, é muito popular nesta Região, onde terá nascido.
- Bolo Doce Regional

A Junta Freguesia de Arcos para elaborar este trabalho, agradece o apoio da A. Cultural de Anadia na pessoa do Sr. Dr. Carlos Alegre e dos arquivos particulares do Sr. João Venâncio Marques.